

VISÃO DO CORREIO

Uma experiência do usuário cada vez pior

Quando o mundo dos streamings surgiu, houve amplo reconhecimento à mudança no paradigma do consumo do conteúdo audiovisual trazida por essas plataformas. Se antes éramos reféns dos canais de TV por assinatura, que na maior parte das vezes ofereciam muitas produções que sequer eram de nosso interesse, passamos a ter liberdade de escolha com o sempre disponível catálogo da Netflix, Max, Prime etc.

A grande vantagem também era a possibilidade de consumir aquilo que nos interessava de maneira personalizada. Poder escolher entre as opções dublada e legendada e, até mesmo, a fonte, tamanho e cor da tradução simultânea. O conteúdo sob demanda destruiu o modelo de negócio das grandes operadoras de TV a cabo, hoje tão atrasadas quanto as velhas locadoras.

No entanto, o que parece acontecer nos últimos anos com a maior parte dos streamings é uma inversão da lógica de prevalência inegociável da melhor experiência do usuário. Ao mesmo tempo que passaram a vender publicidade nos planos mais baratos de seus serviços, as plataformas oferecem, cada vez menos, qualidade. São frequentes as quedas de sinal, sobretudo em momentos de alta de audiência, como finais de competições de futebol, novelas ou realities shows.

Ao adotar a venda de espaços publicitários e comercializar a atenção do seu usuário, as plataformas abrem mão do que era o principal diferencial do serviço: uma experiência amigável a quem paga por aquela assinatura. Não se trata de inovação de um modelo de negócio já milionário, mas de retrocesso.

Os olhos mais especializados em conteúdos audiovisuais já entenderam que a crise entre os serviços e seus clientes vai além e já atinge a própria qualidade das produções em cartaz. O cardápio continua farto, mas não mais com a mesma assertividade de outrora. Tudo parece feito para cérebros cada vez mais sedentos por respostas prontas, por uma conclusão sem reflexão.

O mundo repercutiu, por exemplo, os

episódios finais da decenal série *Stranger things*, criada pelos irmãos Matt e Ross Duffer. Se no início a produção ficou marcada por trazer a temática do terror e do suspense sob uma ótica infantojuvenil e nostálgica, sua despedida teve muito mais caráter saudosista do que uma trama que realmente sustentasse algo novo. Ainda que no cinema a última impressão nem sempre é a que fica, o desfecho deixou a desejar para a maioria.

A decepção com *Stranger things* se estende a muitas outras produções que parecem durar muito mais do que deveriam. Mais do que dar respostas e preencher lacunas, o cinema deve incentivar o imaginário do espectador. A escolha das plataformas de espremer até a última gota dos seus títulos mais reconhecidos é mais uma traição ao prometido ganho de experiência trazido por elas em seus surgimentos há cerca de 15 anos.

São raras decisões como a comunicada pelo diretor Vince Gilligan, conhecido pelos sucessos *Breaking bad* e seu spin-off, *Better call Saul*. No comando de *Pluribus* — ficção de sucesso exibida pela Apple TV, que coloca a protagonista Carol (Rhea Seehorn) em meio a uma humanidade infectada por uma mente coletiva, incapaz de demonstrar qualquer traço de infelicidade —, Gilligan nada contra a corrente e já anunciou: “Vou demorar”.

Em uma sociedade faminta por conteúdo a todo momento, diante da velocidade do consumo de informações na palma da mão, é comum cobrarmos que nossos artistas preferidos lancem um álbum por ano ou que nossa série de estimação divulgue logo todos os episódios para iniciarmos a maratona.

Gilligan, no entanto, vai na contramão. Ao *Hollywood Reporter*, quebrou as expectativas: “Sim, sendo honesto, isso vai frustrar algumas pessoas. Trabalhamos na velocidade em que trabalhamos, muito parecido com o ritmo em que as geleiras derretem. Portanto, haverá um intervalo considerável entre as temporadas”, disse.

Um alívio em um mundo no qual a essência sempre perde espaço para o acúmulo.



LETÍCIA MOUHAMAD
leticiamouhamad.df@cbnet.com.br

Individualização do sofrimento

Recentemente, debrucei-me sobre os conteúdos da comunidade Mentaleria, desenvolvida em Brasília, cujo foco é capacitar profissionais para realizar atendimentos de pessoas em crise psíquica de maneira humanizada e qualificada. Uma das pautas discutidas diz respeito à relação intrínseca entre desigualdade social e sofrimento mental, na qual a provocação central se desenrola a partir da pergunta: é possível estar emocionalmente saudável quando se vive na escassez?

A reflexão veio à tona durante uma conversa que tive com o psicólogo Filipe Willadino, para uma reportagem acerca dos gargalos na assistência à saúde mental. O profissional, lotado no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) II do Paranoá, destacou a importância de a equipe agir sobre fatores sociais que catalisam o sofrimento, como a violência e a marginalização.

“Para mudar esse cenário de adoecimento, não basta atender individualmente em consultório. É preciso se articular com redes de proteção, por exemplo, buscando um trabalho de cuidado integrado”, contou-me Willadino, reforçando uma constatação que deveria ser óbvia e que responde à pergunta feita no início deste texto. Falar de saúde mental sem discutir desigualdade social anula as raízes estruturais do sofrimento.

Vejamos o seguinte exemplo: Melissa é uma mulher de 28 anos que trabalha como atendente em uma loja de departamento. Moradora de uma região periférica do DF, ela precisa, seis dias por semana, acordar antes do amanhecer e pegar duas conduções para chegar ao serviço. A remuneração, baixa, contempla apenas gastos essenciais, incluindo os cuidados com a filha pequena. Melissa é mãe solo e sua rede de apoio, escassa. O cansaço constante tem refletido em sua produtividade no trabalho, conforme alertou seu gestor.

Sigamos. Na região administrativa onde mora, a mulher procurou atendimento médico especializado em psiquiatria, mas entrou em uma lista de espera. O sistema de saúde, segundo lhe disseram, está sobrecarregado. Diante de um sofrimento que se prolongava, a atendente conseguiu, com muito esforço financeiro, uma consulta particular, onde recebeu o diagnóstico de depressão e ansiedade. Além de uma receita médica, Melissa saiu da clínica com a recomendação de procurar terapia e fazer exercícios físicos. “Autocuidado é primordial”, reforçou-lhe o médico. Mas, meses depois, o sofrimento, quem diria, continuava.

Voltemos. Apesar de, aqui, Melissa ser uma personagem fictícia, cruzamos, todos os dias, com perfis semelhantes aos seus, mesmo sem perceber. E não percebemos porque caímos no conto do vigário de que sofrimentos como os dela, permeados por vulnerabilidades sociais, são individuais. É conveniente à sociedade e às instituições apenas diagnosticar um transtorno em vez de compreender que os infortúnios de uma pessoa são também respostas possíveis a uma realidade de precarização.

Não se trata de ignorar as particularidades de um indivíduo com depressão, ansiedade ou qualquer outro transtorno, tampouco negar os fatores biológicos que permeiam essas condições. Mas é indispensável olhar, de maneira crítica, para os fatores estruturais que influenciam nesse processo de saúde. Daí a importância de serviços como os disponibilizados nos CAPS que — mesmo com todo o sucateamento — tentam acolher seus pacientes com um olhar humanizado e integral. Como desabafou outro profissional, tiram “leite de pedra”. Diante disso, vale, mais uma vez, reforçar o óbvio: não se garante cuidado social e coletivo sem investimentos.



Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Pesquisa agrícola

A Embrapa, empresa líder da pesquisa agrícola no Brasil, tem parcerias em uma verdadeira interação que engrandece essa nação. A pesquisa agrícola existiu em seus primórdios em estação experimental na Inglaterra. Daí, propagou-se pelo mundo, inclusive, para o Brasil. Como na Inglaterra, aqui a pesquisa dá uma certa ênfase à agricultura familiar, ou pequena agricultura. A pesquisa também trabalha com agricultura de médio e grande portes, onde o retorno exportável é relevante. Contudo, a agricultura familiar também trabalha com produtos exportáveis, como é o caso das frutas e do artesanato. Isso a conduz a ser responsável por 70% do produto agrícola. O cooperativismo é notório em seu resultado. Ela se constitui numa verdadeira célula da agricultura, em país agrícola.

» Enedino Corrêa da Silva

Asa Sul

Saúde mental

O atendimento em saúde mental na rede pública do Distrito Federal será ampliado, diz o GDF. São quase 10 anos com essa mesma ladainha. Estão sempre com planejamento, estudo, implementação e, na prática, nada acontece. Um descaso absurdo! Profissionais da área adoecidos e sobrecarregados, rede de apoio precária. Mas as câmeras de monitoramento foram colocadas em todas as unidades da Secretária de Saúde. Para isso, teve dinheiro!

» Diogo Borba

Brasília

Mercosul

Ao romper o acordo comercial com os Estados Unidos, a pretexto de defender a Groenlândia de uma invasão, a União Europeia deixa claro que prioriza conservar as terras raras do Ártico em vez de prosseguir na defesa da Ucrânia, servindo, em ambos os casos, aos interesses da Rússia respaldada pela China, sem mais coesão nem motivo para que os EUA continuem gastando para manter o guarda-chuva da Otan. Resta saber, nessa evidente falta de prioridade estratégica, até que ponto os europeus seriam capazes de investir no Mercosul para se munir de uma mínima válvula de escape ante um mais que provável acirramento dos ataques russos contra a Ucrânia, relegada a segundo plano.

» Milton Freitas Almeida

Rio de Janeiro

União Europeia

Respostas da União Europeia sobre as taxas de Trump: “Rússia e China devem estar se divertindo”. Estão comportando-se como Putin, que invadiu a Ucrânia e está se atolando em uma guerra que já dura mais do que a de 1939. Evidentemente, Trump quer riquezas minerais da Groenlândia, igualzinho a Putin com a Ucrânia. Segurança já há. Então, para que serve a Otan?

» Noel Samways

Curitiba (PR)

Gastança?

Engraçado que reajustar o salário mínimo acima da

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opiniao.df@dabr.com.br || 3214-1157

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Dívida avança para níveis da covid em ano eleitoral. Com tanta gente recebendo benefícios absurdos sem trabalhar, ultrapassando o salário mínimo, como essa conta não poderia ficar cara?

Fernanda Borges — Bom Lugar (MA)

Banco Master: se a coisa for séria, melhor a Papudinha investir em beliches, treliches e quadriliches.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Cratera se abre na L2 Sul. A cidade está tomada de buracos, mesmo com o GDF fazendo obras por toda a parte. Que tipo de asfalto esse pessoal está usando?

Marlon Barros — Cruzeiro

Leptospirose e dengue em dias de chuva. Definitivamente, verão é tempo de vigilância. Pegar uma doenças dessas é arrumar problema por um bom tempo!

Maria Lúcia Silva — Asa Norte

inflação, aumentar o investimento em projetos sociais são uma ganstança no Brasil. Agora, deputados, juízes e senadores aumentando seus salários em 70% não é ganstança. Deputados sequestrando dinheiro público para enfiar no bolso não é ganstança. Mas esse é o Brasil. Dar um pouco do mínimo para quem não tem nada é gasto, e dar muito para quem já tem é justo!

» Aline Vítória

Brasília

Violência de gênero

Na edição do **Correio Braziliense** de 6 de agosto de 2023, com o título “Que as mulheres sejam honradas”, Ana Dubeux escrevia fortemente repudiando patifes e covardes que se aproveitam de mulheres vulneráveis. Dubeux volta ao tema, no **CB** de 18 de janeiro último, clamando **Salvemos todas as mulheres**, salientando que a “escalada da violência contra as mulheres e dos feminicídios é uma certeza , medida em número e casos”. A seu ver, nenhuma mulher merece ser ultrajada, ridicularizada, humilhada. Dubeux prossegue: “Nosso convite é olhar para essa realidade em filtros. Entendê-la e trabalhar para mudá-la”. Ana destaca, nessa linha, que, no próximo dia 27, o jornal promoverá mais uma edição do *CB.Debate*, com o tema *Pela proteção das mulheres: um compromisso de todos*.

» Vicente Limongi Netto

Asa Sul

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine			
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie			
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp			
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS D.A

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br